

TV de e Para Crianças

Em finais de Junho decorreu em Salonica, na Grécia, o Agora'99, um evento que juntou produtores de programas infantis de televisão, directores de departamentos infantis de televisão, investigadores da área, políticos e... crianças. Em praticamente todas as conferências e "workshops" do encontro se ouviu bater na mesma tecla: "É preciso ouvir o que as crianças têm para dizer" quando se trata de produzir e exhibir programas infantis. Aliás, a própria investigação conduzida nesta área há já alguns anos que "ouve" as crianças. Através de questionários, do preenchimento de diários ou de discussões de grupo. Nada de excepcionalmente novo, a não ser no facto de pôr as crianças, fora do seu ambiente, a falar sobre coisas sérias para uma plateia de adultos, sendo colocadas ao mesmo nível dos "crescidos".

Num caso e no outro, é preciso não esquecer que os miúdos, por natureza, gostam de fantasiar. E, em muitos casos, essa tendência é ainda mais evidenciada quando percebem que lhes está a ser dado protagonismo. Sabe-se que, numa tentativa de não desiludirem aquilo que crêem ser as expectativas dos adultos, as crianças podem dar respostas e fazer comentários que, de facto, não correspondem àquilo que pensam e àquilo de que gostam.

Enquanto nos trabalhos formais se insistia na necessidade de "dar voz às crianças", nos bastidores havia quem se questionasse sobre a utilidade da participação dos mais pequenos neste tipo de eventos. A certeza que tenho é que se deve procurar saber as preferências dos jovens telespectadores para depois se procurar fazer uma "dieta" televisiva: programas educativos, informação, documentários, dramas, séries, animação, concursos. Ou seja, dar para consumo um pouco de tudo nas doses consideradas certas. Ou, pelo menos, o mais próximo possível daquilo que os inúmeros estudos consideram aconselhável, apesar de todas as críticas a que qualquer destas investigações sempre está sujeita.

Para além de jovens produtores e de crianças a falar entre si sobre estas coisas da televisão e dos programas que vêem e que gostavam de ver, o Agora'99 contou com a participação de duas pequenas apresentadoras de programas infantis/juvenis. Uma com nove anos que está no mundo dos "media" desde os três anos de idade e outra de 15 que só começou há um ano. A primeira foi, naturalmente, levada pelos pais para o mundo do vedetismo; a segunda fê-lo por opção própria. A primeira fala com entusiasmo do trabalho que faz na televisão; a segunda é muito mais cautelosa. A primeira adora ser reconhecida na rua; a segunda prefere nem falar em fama.

Agora a questão já não é a de saber de que gostam os miúdos e o que devem ou não devem ver na televisão. Trata-se de observar aquela minoria de crianças e jovens que se apresenta à larga maioria de gente da mesma idade, a minoria que serve de modelo e de ídolo à grande maioria. Existem leis que regulam este tipo de trabalho. Porque de um trabalho se trata, por muito que a miúda de nove anos encare isto como uma brincadeira que a torna na menina especial entre todas as meninas que conhece. A pequena apresentadora (que também ajuda a produzir a até a filmar programas) espanta-se quando lhe perguntam se ela sabe quantas horas por dia é que pode trabalhar de acordo com a lei e tendo em conta a sua tenra idade. Como se isso fosse importante... Para ela, importante é o gozo que tem com tudo aquilo e com o reconhecimento público.

A garota de 15 anos gosta dos documentários que apresenta e das entrevistas que conduz. São programas para jovens da sua idade. Com o que ela se espanta é com a idade em que a outra miúda foi levada para o mundo televisivo. Garante que não gostaria nada que os seus pais lhe tivessem feito o mesmo com a mesma idade. Defende que as crianças não deveriam ser expostas a este tipo de situação. Tem um discurso seguro e decidido sobre as desvantagens de se retirar às crianças o direito a uma infância normal. Mas fica cheia de dúvidas quando alguém lhe diz: "Sendo assim, nunca se veria nem na televisão nem nos jornais e revistas imagens de crianças...". Nem a apresentar programas, nem a desempenhar papéis em séries de ficção. E, se assim fosse, excelentes produtos televisivos nunca poderiam ser feitos...

Dar voz às crianças, sim. Mas, numa perspectiva de adultos, é fundamental enquadrar, encaminhar, ajudar a pensar. Não se pode esperar que crianças e jovens dominem assuntos tão complexos quanto este como qualquer profissional ou investigador.

Hália Costa Santos
Universidade Leicester/U.K.